



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
COGEAE-CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO: História, Sociedade e Cultura

Elton de Oliveira Soares

## A FORMAÇÃO DA CULTURA HEBRAICA

A herança cultural de Israel formando o seu principal bem como  
força de resistência e luta contra o domínio opressor do  
imperialismo despótico

PUC-SP  
SÃO PAULO  
Novembro, 2012

Rua Ministro Godói, 969 – 5º Andar – Perdizes – 05015-000 – São Paulo - SP  
Tel: (11)3670-8000 – CEP – 0514- <http://WWW.pucsp.br>

**Elton de Oliveira Soares**

**A FORMAÇÃO DA CULTURA HEBRAICA**

Artigo apresentado para obtenção  
do título de Especialista em  
História, sob orientação do  
Prof. Doutor Ettore Quaranta

**SÃO PAULO-SP**  
Novembro, 2012

Rua Ministro Godói, 969 – 5º Andar – Perdizes – 05015-000 – São Paulo - SP  
Tel: (11)3670-8000 – CEP – 0514- <http://WWW.pucsp.br>

## RESUMO

O artigo apresentado aqui visa resolver certas questões que se fizeram presentes na historiografia sobre as origens da cultura hebraica. Tais questões surgem diretamente como ataques duros de pura crítica à credibilidade das diversas narrativas que estavam presentes na ancestralidade desse povo. Observa-se que, a grande oposição fica por conta daqueles estudiosos que tendem a defenderem um ponto de vista que sempre faça prevalecer uma percepção de que a menor cultura tende sempre a se submeter a força das grandes estruturas estatais. A cultura vulnerável desse povo menor sofreria a exposição de toda variedade de traços vindos externamente do conquistador, do qual, presumindo-se, seria evidentemente mais civilizado para ditar os costumes que os provinciais adotariam. Nesse aspecto, se faria entender que, a Bíblia como um dos maiores expoentes da cultura hebraica, seria apenas uma composição de diversos fragmentos culturais do Oriente Próximo. No entanto, podemos compreender que, a herança cultural de Israel foi justamente o que serviu para formar o seu principal bem como força de resistência contra o domínio do imperialismo despótico. Vemos que, Israel se prevaleceu culturalmente, contrariando todas as expectativas, pois, sua história de luta no contexto histórico da Palestina atesta essa sua identidade no ainda no Período pós Êxodo(1000 a.C.). A Tradição Oral hebraica, comprovada por inúmeros achados arqueológicos que dão enormes testemunhos de sua veracidade e de sua longevidade, somasse à historiografia não mais como um mito. Tendo uma percepção histórica sobre o tema da tradição do povo hebreu, desde a sua constituição como um clã, o desenvolvimento como tribos até a época do êxodo, entenderemos que as narrativas bíblicas não podem ser vistas como fruto oriundo de outras culturas.

## PALAVRAS CHAVES

Sociedade, imperialismo, resistência, Tradição e Bíblia.

### riassunto

L'articolo qui presentato ha lo scopo di risolvere alcune questioni che sono state fatte nella storiografia delle origini della cultura ebraica. Tali problemi sorgono direttamente agli attacchi più forte di critica pura per la credibilità dei racconti vari che erano presenti nella genetica del popolo. Si è osservato che l'opposizione principale è fino a quegli studiosi che tendono a difendere un punto di vista che si prevalgono sempre una percezione che la cultura inferiore tende sempre a subire grande forza di strutture statali. La cultura di questo meno vulnerabile esposizione soffre persone di tutta la gamma di funzionalità provenienti da fuori del vincitore, che, assumendo, naturalmente sarebbe costumi più civili che impongono alle province si adottano. A questo proposito, se si capisce che la Bibbia come uno dei maggiori esponenti della cultura ebraica, sarebbe solo una composizione di vari frammenti culturali del Vicino Oriente. Tuttavia, ci rendiamo conto che il patrimonio culturale di Israele era proprio ciò che ha contribuito a formare il suo principale punto di forza così come la resistenza contro il dominio dispotico dell'imperialismo. Possiamo capire che Israele è culturalmente prevalso, contro ogni aspettativa, perché la loro storia di lotta nel contesto storico di identità Palestina atesta essa in post-Esodo periodo. La tradizione orale dimostrato da numerosi reperti archeologici che testimoniano grande della sua verità e la sua longevità. Avere una percezione sul tema della tradizione storica del popolo ebraico, fin dalla sua costituzione come un clan, di sviluppo tribale fino al tempo dell'Esodo, capire che le narrazioni bibliche non può essere visto come il frutto provengono da altre culture.

### PAROLE CHIAVE

Società, l'imperialismo, la forza, la tradizione e la Bibbia.

## Sumário

<b>Justificativa da escolha do tema, problematização e objetivos.....</b>	<b>5</b>
<b>Prefácio.....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 1, A historiografia da Revelação.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 2, Origens e Tradição.....</b>	<b>12</b>
<b>Capítulo 3, As tradições hebraicas fora de Israel.....</b>	<b>16</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>20</b>

### **Justificativa da escolha do tema**

A relevância da pesquisa proposta aqui é a apreensão da História de Israel como algo tangível para o entendimento sobre a Antiguidade, ou seja, se deseja compreender o que se passava em volta do espaço geográfico da palestina para se tiver uma contextualização mais precisa da vida dos povos que ali habitavam. Portanto, a intenção é tornar a História de Israel, em base da Tradição, algo articulado com a História Total de uma Antiguidade do em torno do crescente fértil. Sendo assim, este estudo está dirigido para os historiadores, exegetas e teólogos em geral. Ao se entender que a estrutura de sua cultura permaneceu imutável ao longo dos anos, começaremos a nos questionar sobre a sua verdadeira relevância para o estudo da Antiguidade.

Com um estudo aprofundado sobre as origens hebraicas, veremos que, um critério baseado apenas em dados colhidos a partir de fontes materiais, muitas vezes tende a desprezar pontos bases que alicerçam uma cultura. Tais pontos se encontram na tradição oral de um povo, da qual, constitui como a primeira a dar os rudimentos iniciais que formam a cultura total de um povo. Não reconhecer o valor das tradições para se avaliar a ancestralidade de uma cultura, antes de qualquer coisa, é insensato e prejudicial às pesquisas sobre o povo hebreu em especial.

### **Problematização (hipóteses da pesquisa)**

Pode-se compreender a História de Israel como algo de relevante para o entendimento da História da Antiguidade? Podemos ainda formular mais uma pergunta, mesmo estando visivelmente exposto aos movimentos exteriores que ocorriam no Mundo da Antiguidade, podemos considerar a cultura do povo judeu como algo de singular na História, sem que compreendamos alguma espécie de difusão cultural desse exterior?

### **Objetivos**

Ao se traçar linhas paralelas de observação em espaços geográficos diferentes dentro de uma mesma faixa temporal, pretende-se perceber que, as expectativas de povos diferentes tenderam a cruzar as perspectivas dentro da História de Israel. Podemos ver então que, se antes se considerava o estudo da História de Israel como algo sem significância, veremos que, sua cultura reagindo ao avanço agressor deste imperialismo, nos faz ver realmente que uma História de Israel pode ser vista como algo de significativo para o Mundo Antigo. Antes de qualquer coisa, não é preciso dizer que,

faremos uso das figuras bíblicas para demonstrar, como são completamente encaixadas dentro do contexto histórico. Portanto, o objetivo principal da pesquisa é demonstrar como é confiável usar as fontes Bíblicas dentro da pesquisa histórica. O estudo visa analisar achados arqueológicos que pertençam a uma Antiguidade da história de Israel, de modo quantitativo, fazendo uma contraposição direta com as histórias bíblicas. Então, com isso, teremos bastante suporte como metodologia da pesquisa para arquitetarmos um quadro dentro do esquema cronológico. Ao se falar de cronologia dentro da história de Israel, muitas vezes o estudioso sobre o tema evita abordar diretamente o uso das fontes Bíblicas, fazendo uso apenas dos achados arqueológicos, o que é um equívoco, pois, nos passa a ideia de que os temas descritos nas Sagradas Escrituras são anacrônicos. Iremos então diretamente pela contramão das pesquisas históricas que afirmam sobre esta inviabilidade das fontes bíblicas. Iremos tentar provar com a nossa pesquisa o quanto é nociva para a História uma noção de que se tenha de evitar tais fontes. Como dissemos acima, iremos fazer uso de um quadro cronológico montado em base de diversos artefatos que a arqueologia nos fornece. Analisando as diferentes abordagens que fizeram os estudiosos do assunto, poderemos tecer a nossa própria conclusão sobre a História das tradições hebraicas. Sobre as origens, é claro, poderemos conjecturar muito pouco sobre o tema. Mas, partimos do pressuposto de que, a Tradição Judaica está alicerçada em eventos que realmente aconteceram e que estes foram impactantes para a formação daquela cultura. Para apreendermos esta concepção, precisamos saber que, esta tradição foi montada na memória, uma lembrança que, na palavra hebraica temos “zikaron”. Ao se falar desta memória na tradição hebraica, poderemos perceber que, com decorrer de nosso estudo, ficará impossível compreendermos que ela partiu de uma aceção individual de um escriba, ou tão pouco de uma ação coletiva que visa-se a defender ou ocultar falhas de camadas sociais prestigiadas.

## PREFÁCIO

Para os teólogos e estudiosos da Bíblia, talvez seja algo consolidado ter a História de Israel como objeto de pesquisa, no entanto, para nós historiadores, a leitura da antiga religião hebraica e a Torá está longe de ser vista como um caminho sem pedras por derrubar. Infelizmente, pois, este é um fato que nos distancia de uma das maiores fontes de documentação que a História jamais produziu. A verdade é que acaba se criando certos lapsos para a compreensão do Mundo Antigo. Compreenderemos que, muitas das críticas que vemos hoje, começaram a se lançar contra a tradição judaica a partir de um puro ceticismo filosófico, não de uma pesquisa histórica séria, e isso, há mais de trezentos anos. O que veremos, é que, muitos historiadores atuais apenas se apropriaram de concepções já arquitetadas há mais de dois séculos, pouco se importando em produzir suas próprias teorias acerca da História. Ainda no século XVII, com o seu *pirronismo da história*, Voltaire propunha que todos os documentos que se conhecia da Antiguidade fossem minuciosamente vasculhados, afim de que, se fosse colocada à prova sua veracidade. Mas, como podemos ver, o alvo inflamado de sua fúria se dirigia a História de Israel:

“Por que nem nos monumentos que nos restam do Egipto, nem nos Shasta e nos Vedas dos hindus, nem nos Cinco Reis dos chineses, nem nas leis de Zoroastro, nem em nenhum antigo autor grego encontra-se nenhum dos nomes dos primeiros patriarcas judeus, que são a origem do gênero humano?”  
(Voltaire, p.12)

Será que poderíamos dizer que ele apenas estava por primar desenvolver uma ciência que realmente fosse fundo em suas análises? Contudo, a sua perspectiva não deixava dúvidas, Voltaire apenas queria ser bom naquilo que aspirava; ser um demolidor. O seu sarcasmo era tão ácido quanto seus critérios de análise:

“Assim, não devemos admitir nenhuma dúvida sobre a história do povo de Deus: nele tudo é mistério e profecia, porque esse é o precursor dos cristãos. Tudo é prodígio, porque Deus está à frente dessa nação sagrada: em suma, a história judaica é a do próprio Deus e nada tem em comum com a débil razão de todos os povos do universo. O Antigo Testamento, começar por imitar o padre Canaye”.  
(Voltaire,p.13)

Muitos acreditavam que o filósofo fosse um ateu, mas, como podemos perceber, ele defendia energicamente uma teoria panteísta. Teoria essa é que veremos mais tarde se consolidar e lançar as bases no pensamento científico contemporâneo. Voltaire não estava sozinho com esse seu profundo ceticismo, do qual fora montado pelo racionalismo dos séculos XVII e XVIII, tendo representantes como Thomas Hobbes, Benedito Spinoza, Richard Simon e outros que questionavam as origens dos textos

bíblicos. O aperfeiçoamento dessas críticas se deu por volta do século XVIII, com o movimento denominado “Alta crítica”, que foi baseado, ainda no século anterior, pelos apontamentos do médico francês Jean Astruc (1684-1766), que afirmava que os livros do Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia, seriam documentos multifacetados, sendo que, os textos originais escritos por Moisés teriam recebido várias adições extras bem posteriores. Dessa forma, verifica-se que, esse racionalismo conhecido por se apresentar de uma forma demolidora se solidificou procurando sustentar o argumento de que nos textos bíblicos podia se verificar uma diferença crucial para o entendimento histórico, onde, se encontrava uma diferença entre uma leitura diacrônica e uma visão sincrônica dos textos. A linguística dos textos divergiria com a cronologia atribuída, fazendo com isso se perceber concepções divergentes que não concordariam com um entendimento de sua época. Não restavam dúvidas que com esses argumentos os críticos da Bíblia colocavam em cheque a historicidade dos livros sagrados. No entanto, essa confrontação de pensamentos tão diversos representou um enorme entrave para a História em si. Verifica-se que, o muito que se tentou para derrubar as bases de sustentação da Bíblia, acabou resultando em grave declínio para o estudo sobre a História de Israel em si. Como não considerar uma das maiores fontes de documentação que um povo poderia produzir durante sua história? Ou, poderíamos aceitar mesmo que Voltaire estava certo? Acreditando ser o Pirronismo o caminho certo, Freud também arriscou a se aventurar como historiador e à moda de Voltaire:

“Tampouco se pode excluir a possibilidade de que alguns dos traços caracterológicos que os judeus incluíram em sua primitiva representação de seu Deus – descrevendo-o como ciumento, severo e cruel – possam ter sido, no fundo, derivados de uma lembrança de Moisés, pois, de fato, não fora um Deus invisível, mas sim o varão Moisés que os tirara do Egito”  
( Freud,1997,p.31).

O psicanalista em sua obra pseudo-histórica ousou a proclamar a história de Moisés ser um plágio, isso tanto nas histórias mesopotâmicas como egípcias. Por exemplo, a antecedência do código de Hamurabi e as histórias em que Sargão é retirado das águas( ambas de conteúdo mesopotâmico e anteriores a Moisés), deduzem ser o foco onde proporcionou inspiração às histórias bíblicas. Esse pensamento deduz que o *Am Há'Sefer*, o povo do livro, como é escrito em hebraico, foi fruto da pressão do imperialismo despótico que corrompeu o espírito dos filhos de Avrahan (Abraão). No entanto, defensores de tais métodos de análise tendem a se gabar por acharem que suas teses nunca serão derrubadas, pois sabem que Israel nunca se estruturou em organização estatal de razoável porte antes do primeiro milênio antes de Cristo.

## CAPÍTULO 1

### A historiografia da Revelação

Dentro dos estudos arqueológicos que constroem uma história de Israel totalmente montada em achados materiais, temos o minimalista da escola de Copenhague, Finkelstein, da Universidade de Tel-Aviv, um defensor de uma baixa cronologia. Por exemplo, apoiando estrondosamente seu pensamento na ideia de que o Êxodo seria um episódio real da História hebraica, porém, este não teria acontecido no período conforme as escrituras definem. Finkelstein diz que ele descreveria uma narrativa de um período bem posterior que retratava as percepções históricas de um confronto simbólico entre o rei judeu Josias e os faraós do Egito<sup>1</sup>.

Poderemos então considerar que a historiografia não tem fundamentos para considerar os eventos bíblicos como fatos dentro da História? Esse seria um fato errôneo de se aceitar, já que, Flávio Josefo, historiador judeu que morreu no ano 100 da Era cristã, considerava plenamente como eventos reais as histórias da Bíblia. Sir Charles Marston considerava que os romanos teriam apenas deixado uma “bagatela” na Inglaterra se comparar com os inúmeros vestígios que os homens da Era Patriarcal deixaram na Palestina. Para se estudar esse período em que viveu os patriarcas, devemos ter em vista como se passava a situação político-social do crescente fértil daqueles dias, principalmente no que se refere quanto ao eixo que ia de Ur até o Egito. No final do terceiro milênio a.C., percebe-se que houve uma movimentação de migrações, invasões e um aumento populacional que veio a ganhar forma com o aparecimento de cidades-estados como Jericó, Meguido, Betsã, Ai, Gazer e outras. Por volta de 2000 a 1750 a.C., período que podemos considerar para Abraão iniciar o deslocamento dos patriarcas de Canaã, via-se surgir no Egito, em oposição da agitação que se tinha na Mesopotâmia, uma revitalização política se estabelecer com a Décima segunda Dinastia(1991-1786), onde, a casa tebana era sucedida pelos reis Amenemés em Mênfis, por volta de duzentos anos. Porém, entre o período que compreendia aproximadamente de 1650 a 1542, assistia-se um tempo de crise para o Egito, os hicsos, onde, alguns historiadores acreditam que sua dominação ia do norte da Síria até o Eufrates, compeliram os governantes das terras do Nilo a recrudescerem a política para com os estrangeiros. Tal período de perturbação nos faz remeter a um tempo de opressão no Egito. Era visível que a Palestina não passara despercebida, pois, a grande confluência de material

---

<sup>1</sup> A data proposta por Finkelstein ficaria por volta do século VII a.C..

arqueológico nos prova que houve a passagem de contingentes militares através da Palestina. Também, podemos compreender que tais materiais atestam a presença, mesmo que de forma indireta, do povo hebreu como atuante na Palestina há mais de dois mil anos antes de Cristo. Então, se não podemos encontrar um legado material de sua cultura, podemos sim entender que, seus descendentes herdaram uma formidável tradição como fonte de memória. A tradição tem esse intuito de servir como um memorial para as presentes e futuras gerações. Nesse sentido a História de Israel não poderia ser entendida como a de qualquer um outro povo:

“Interroga, pois, os tempos passados, que te precederam, desde o dia em que Deus criou o homem sobre a terra: de uma ponta do céu até a outra, existiu já uma coisa tão grande como esta? Ouviu-se algo de semelhante? Existe um povo que tenha ouvido a voz do Deus vivo falando do meio do fogo, como tu a ouviste, e tenha permanecido vivo? Ou um deus que tenha vivido para tomar para si uma nação do meio de outra nação, com provas, sinais, prodígios e combates, com mão forte e braço estendido, por meio de grandes terrores – como tudo o que Iahweh vosso Deus realizou no Egito, em vosso favor, aos vossos olhos?”  
(Deuteronômio 4,32 a 34)

O Pentateuco<sup>2</sup> é a gênese da Tradição hebraica. Além de encontrarmos os princípios fundamentais que nortearam o judaísmo, encontramos também suas origens como um povo que rompeu com os vínculos de um estado despótico na Mesopotâmia. No Pentateuco encontramos o Gênesis, a história patriarcal dos antepassados: Abraão (o pai da fé e a qual recebe a promessa de herdar a Terra), Jacó (o homem de astúcia que rouba a benção de seu pai, Isaac) e José, o homem da sabedoria. Mais tarde, veremos que nada passará despercebido na constituição de Israel. Esses seus Patriarcas são um elemento formador que dá sentido ao povo hebreu. A própria pronúncia do nome de Israel tem haver com o sentido de sua pertença, a sua identidade histórica, um povo que foi separado por Deus. Israel significa: “ele lutou com Deus” – ki saraítaím Elohim.

Se no Gênesis temos a história dos antepassados de Israel, já podemos ver os temas da libertação do Egito e a instituição da religião mosaica formarem os eixos principais que são desenvolvidos no Êxodo, onde, encontramos o momento chave que norteia a compreensão sobre Israel, a instituição da Aliança, um elo primordial entre o povo eleito e seu Deus.

Reconhecendo o papel essencial da memória nos relatos bíblicos, Mark Smith, professor de Bíblia e Estudos do Oriente Médio da Universidade de Nova Iorque, diz:

---

<sup>2</sup>Os cinco primeiros livros da Bíblia, Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, ou também conhecidos como “os cinco quintos da lei”.

“Embora tenha havido significativas discussões pelos especialistas bíblicos sobre o papel da memória no passado de Israel, ela representa uma significativa mudança de paradigma ao considerar a Bíblia em geral, não como o locus do registro histórico de Israel(ou não), mas como o registro parcial das memórias culturais de Israel sobre seu passado e que contém uma quantidade de informação acuradamente histórica”.

(Smith,p.191)

O Êxodo ocorrido no Egito e, posteriormente, o que logo se deu com o *pacto sináutico*, deve ser compreendidos que foram eventos que realmente fizeram parte da vida do povo hebreu daquele tempo. É muito difícil imaginarmos que os judeus ao longo da História tenham incorporado elementos de sua tradição porque julgavam que seria mais enriquecedor para a leitura das Escrituras. A tradição adquirida pelo povo hebreu é algo intrínseco à sua história. Ao se falar do Deus de seus “pais” entende-se inerentemente de que eles receberam esse conhecimento ou “Revelação” no decorrer da História. Entretanto, se faz necessário também que, o ouvinte saiba que nem sempre as coisas foram como ele está recebendo, pois, na memória judaica existe uma profunda relação com as rupturas com o passado. Não é preciso dizer que, a percepção que Abraão e seu clã tiveram sobre Deus não foi à mesma que o povo hebreu passou a ter depois de conhecer a Lei que Moisés recebeu no Sinai. Neste caso, como participante ativo, a memória funciona mais como um meio de deslocamento que faz impulsionar a cultura hebraica a promover cada vez mais sua fé, devido principalmente por ela ter sido testemunha presencial dos fatos que narra, ao invés de ser uma mera locutora que recebeu a tradição de outro.

## CAPÍTULO 2

### Origens e Tradição

A questão da evolução do desenvolvimento humano e a tradição hebraica são coisas que são perfeitamente conciliáveis para certo esforço da razão humana.

Marston um arqueólogo autodidata britânico, financiou uma série de escavações em Jericó, sendo patrocinador do Fundo de Explorações Palestina na década de 30 do século XX. Talvez de um modo indireto, ele deu uma contribuição à arqueologia bíblica na seguinte percepção de tornar algo que antes tínhamos apenas como mito, para vim a ser como de grande teor histórico. Existem muitos momentos na obra do autor que ele mais deixa claro que há certa transcendência comum de todos os povos, do que imaginar uma difusão. Fica evidente que, sua primeira afirmação seria esclarecida na sequência de seu estudo. Para o autor, seria mais enriquecedor para o estudo bíblico se apoiar em provas que dessem sua consistência.

“Há provas da existência dos dez Patriarcas em alguns dos primeiros livros clássicos. No prisma de argila, recentemente descoberto e está agora no ‘Ashmolean Museum’ de Oxford, lê-se longa lista de reis que se sucederam e suas respectivas cronologias. Começam com os nomes de oito reis anteriores ao Dilúvio”. (Marston, 1958, p.35)

Sua observação responde as questões que envolvem a longevidade dos fundamentos da Tradição hebraica, e ainda, rebate as críticas de que ela seria apenas um eco distorcido da realidade de outros povos. Existe sim, através dos achados arqueológicos, a comprovação que podemos perceber de uma transcendência que une os diversos povos a um passado comum. Durante muito tempo a caça e a coleta predominaram entre as atividades humanas, sendo apenas sobrepostos com o surgimento da agricultura, há cerca de 10 mil anos, com o final do último período glacial. Esta sim seria uma grande Revolução no modo de vida humano, um marco que permaneceria na memória humana por gerações. O que sabemos, é que, a ciência aponta para a Anatólia como a origem da dispersão linguística. Impressionantemente, pois, a região compreende o Ararat<sup>3</sup>, na atual Turquia. Ora, região da qual a Bíblia aponta para uma também raiz que surgiu os diversos troncos dos povos. A Ciência nos dá bastantes provas de que a Tradição hebraica realmente deriva de uma experiência historicamente comprovada. As descrições no Gênesis impressionantemente coincidem com as evidências, tanto na historicidade, como no contexto geográfico. Vemos realmente a ciência comprovar que

---

<sup>3</sup> O Monte Ararat, local onde aportou a Arca de Noé.

a Humanidade surgiu em uma região “entre rios”<sup>4</sup>. Apenas com base no que foi descrito na Bíblia, já é possível construir uma cronologia de Adão a Noé montada nas datações dos períodos de grande desenvolvimento humano que a Ciência dispõe hoje. Algo que colabora em muito para as pesquisas nesse sentido, é que, Adam é uma palavra hebraica que designa tanto um substantivo comum como um nome próprio. Em certas partes do texto bíblico, compreendemos com bastante nitidez que há um sentido que abranja o homem como toda uma humanidade.

Tal abrangência é o que se vê no texto das Escrituras: “Deus criou o homem (Adam) à sua imagem; à imagem de Deus Ele o criou; homem e mulher Ele os criou”(Gn 1,27). Se podemos ver que, Adão e Eva, como na tradição hebraica, poderiam deixar perceber o homem e mulher se desenvolvendo no contexto histórico, não encontramos dificuldades em contrapor o quadro bíblico com o esquema que a História nos fornece. Nesta tese, podemos ver que, poderíamos datar do último período glacial a tradição que nos fala que o homem comeu o fruto da árvore do conhecimento, pois, temos a Humanidade conhecendo o desenvolvimento rústicos de colheitas, conciliando com o relato de Caim, um agricultor, que, teria vivido entre 13.000 a.C. à 3.500. Onde, em base destes cálculos, podemos ver que se descreve a lista dos povos em Gênesis 10, nos fazendo ser levados a compreender que há uma perfeita sincronia com o que se vê na historiografia que descreve do período.

Mas, é certo que, o desenvolvimento material se daria ainda num período antediluviano? Veremos que há a possibilidade de entendermos que há 5.000 anos poderia se ter grandes chances de ver se erguendo culturas antediluvianas e que, muito do que já conhecemos, remonta à essas civilizações que viveram nesse tempo. As culturas neolíticas de cerâmica em Jericó, por exemplo, estão datadas de 7000 a.C.

Percebemos que ainda remanesciam algumas atividades primitivas, embora que, já houvesse a introdução rudimentar do bronze. É nítido que, depois de um fluxo quase contínuo de progresso, onde muitos estudiosos entendem que as pirâmides possam ser datadas por volta de 6.000 atrás, houve um certo refluxo, onde não se explica a aparente estagnação cultural no Mundo Antigo. Entre 4.500 a.C. à 4.000, vemos culturas calcólíticas iniciando a Idade Primitiva do Bronze ou Proto-urbana. No Egito se iniciava no ano de 3.000 o Antigo Reino, o que nos faz perceber realmente que houve uma revitalização nas atividades sociais humanas, antes submersas no caos.

---

<sup>4</sup> Entre rios é o Crescente Fértil.

### As tradições sobre uma crença primordial

Com o avanço dos estudos antropológicos e linguísticos, como observamos mais e mais a Ciência compreende que esta humanidade, tão diversificada culturalmente que conhecemos desde a Antiguidade, partiu de um só caminho, um só berço. Não é de se admirar que esse passado comum resulte em certas reminiscências que se possam ser vistas ao longo da História, repassadas em vários contextos culturais em todo mundo. Então, sendo assim, nesta configuração em que a Humanidade partiu de uma origem comum, é possível entendermos porque se há tanta similitude em certas tradições e lendas conhecidas desde o Mundo pré-histórico. Portanto, podemos compreender que, o relato mais antigo e mais controverso da Bíblia é totalmente baseado em eventos reais que marcaram profundamente a história humana, contrariando as teses dos especuladores que diziam que o Dilúvio seria um evento somente local.

Rebatendo as críticas de que os judeus plagiaram os registros da história persa e grega, o historiador judeu italiano Momigliano lembra de que, tanto judeus como gregos, permaneceram ambos sob o domínio despótico do império oriental nos séculos 6º, 5º e 4º a.C.. Sua observação parece definir bem o espírito que os animava, dizendo: “Em última instância, a semelhança entre os tipos de história política dos gregos e dos judeus parece provir mais de uma reação contra a Pérsia do que propriamente de uma influencia persa” (Momigliano, 2004, p. 36). Essa dedução que ele faz parece ser bastante lógica, já que, logo a seguir, uma última observação que escreve pode responder a questão:

Os judeus estiveram sempre demasiadamente preocupados com a verdade. O deus hebreu é um deus da verdade. Nenhum deus grego, até onde eu sei, e chamado de *alethinós*, verdadeiro. Se deus é verdade, seus seguidores têm a obrigação de preservar um registro verdadeiro dos acontecimentos em que deus manifestou sua presença.

(Momigliano, 2004, p. 40)

Para o hebreu não há uma distinção da história profana com a sagrada, a Bíblia é o registro histórico que o povo israelita testemunha dos feitos de seu Deus. Isso é tão próprio de sua cultura que não dá para imaginar que eles tivessem a necessidade de incorporar elementos de outras culturas. Além de ser leviano era algo amplamente vetado por sua religião como uma contaminação com o ímpio.

### A Ciência à procura de evidências

Como explicar que em culturas tão diversas se apareça tanta similaridades como no caso destes relatos sobre o dilúvio que vimos sem que, possamos atribuir o efeito de difusão? Surpreendentemente, a explicação só é obtida ao se usar análises científicas para elucidar essa pergunta, ao contrário de em vão tentar encobri-la. Em “Tell al Mugayyar”, nas proximidades entre Basra e Bagdá, onde um dia fora a cidade de Ur, revelou ser um local onde abrigara mais do que as cidades do tempo de Abraão. Em extraordinária exploração iniciada em 1923 na antiga região mesopotâmica, Sir Charles Leonard Woolley chefiou uma expedição de arqueólogos do museu Britânico e da Universidade de Pensilvânia, onde descobririam nas escavações as sepulturas dos reis de Ur. Contudo, não se tratava de alguns achados da Antiguidade, suas explorações levaram a mais descobertas fantásticas que ele almejava. Nada mais do que 3.0480m de profundidade, Woolley encontrou evidências de ocupação humana abaixo de uma camada de solo virgem. Tais utensílios ficariam longe da hipótese de terem sido encobertos por sedimentos trazidos das cheias do Eufrates, pois, a areia encontrada não combinava com as locais, o que tornava inviável para o fato de se supor que foram depositadas após o rio ter transbordado em alguma cheia anual.

Uma outra hipótese para a data do dilúvio é cerca do ano de 5600, de Ryan e Ptmán, geólogos da Universidade de Columbia. Eles baseiam suas análises em evidências do rompimento de um suposto “Istmo do Bósforo” (O Istmo seria uma passagem geográfica que unia a Trácia à Anatólia). A datação, é claro, difere das evidências encontradas por Woolley, que em seu diário, julgou ter encontrado as sepulturas de reis antediluvianos, que, baseado nas escritas encontradas no local, supôs ser de cerca de 3.000 a.C.. Entretanto, falando de períodos tão distantes, é comum se falar sempre que estão à cerca de uma data provável. Muitos consideram a probabilidade de ter havido vários dilúvios, porém, ficaria como sendo uma hipótese vaga, já que, a confrontação dos achados arqueológicos nos permite supor que, o Dilúvio está associado com o final do último Período Glacial, já que a partir daí o desenvolvimento agrícola se deu de forma consistente, nos colocando para 10.000 anos.

## CAPÍTULO TRÊS

### As tradições hebraicas fora de Israel

Talvez nunca a origem de um povo tenha levantado tantas controvérsias como a dos hebreus. Desde os filósofos do século XVI podemos ver que têm se empreendido um esforço extremamente árduo em tentar atribuir as origens hebraicas como algo utópico no meio erudito, não pelo teor metafísico da Revelação, mas pelas grandiosas epopeias que os patriarcas realizaram no meio dos homens. Porém, este ceticismo dentro da História é algo que se mostra sem fundamentos, uma vez que a Tradição é atestada de forma material. Uma pintura da tumba do comandante egípcio Khnumhotep II (século XIX a.C) nos chama para um importante fato. Nela se vê a entrada de um pequeno grupo armado que, podemos dizer, aparentemente estivessem sem a intenção de lutar, pois os mesmos traziam mulheres e crianças. Possivelmente tratasse de um testemunho sem precedentes para a história da arqueologia, um achado que atestaria a passagem Patriarcal pelo Egito, talvez mesmo fosse o próprio Abraão. Em primeira análise, consideraremos que, Abraão tenha nascido em 1996 a.C. e José teria descido até o Egito em 1728<sup>5</sup>. Nessa concepção, poderíamos conceber que, os hebreus em sua permanência pelo Egito, passaram pelos governos de diferentes faraós que, certamente variavam um do outro para perceber essa questão do exilado, pois, governaram de modo distinto<sup>6</sup> um do outro. Podemos então considerar que, o faraó que recebeu José, seus irmãos e seu pai Jacó, em sua corte, foi Amenemhat III (1844-1797), um rei da XII dinastia. No Egito *tjati* era o primeiro “ministro” nomeado pelo faraó. Muitos historiadores, remontando à Heródoto, Estrabão e Diodoro, apontam para Amenemhat III a construção de um reservatório de grandes proporções na região do Fayum. Se aí podemos ver uma certa preocupação para o controle de evasão de água, onde, tal estrutura se apresenta com enormes canais e eclusas, somos obrigados a entender que houve uma certa preocupação com a racionalização dos recursos do ecossistema do Egito. A questão de que os governantes egípcios da III dinastia estavam preocupados com o abastecimento no país, obtendo novas superfícies cultiváveis drenando e reduzindo a extensão do lago, nos leva a crer que estes estavam sob orientação exterior. Nesse aspecto, podemos ver que no

---

<sup>5</sup> Sobre essa datação da Descida dos Patriarcas ao Egito, ver Bright p.113.

<sup>6</sup> Final do Primeiro Período Intermediário e início do Segundo(1640),Reino Médio:2040 – 1640 a 1550. Reino Novo, Terceiro Período Intermediário:1550 – 1070 a 1070 – 712.

Egito deste Período estava tendo suas experiências de um sistema centralizado de obras hidráulicas. Então, tudo isso nos faz deduzir que, eles, ou estavam temendo as intempéries habituais de seca do Nilo, ou estavam se precavendo de um inevitável período de fome. Segundo Flamarion, com base em documentos, ele se refere a uma destas épocas de calamitosa estiagem, onde se vê o relato de aparente canibalismo, e isto se deu durante o Primeiro Período Intermediário. Uma outra questão relevante sobre os patriarcas é de que a sua religião possa parecer diferente do monoteísmo apresentado por Moisés. Novamente, podemos encontrar resposta à essa pergunta nos dizeres de Marston:

“Logo de início, impressiona-se ter o monoteísmo( crença em um Deus único) precedido o politeísmo ou crença em vários deuses. Tal é, aliás, a conclusão bem pesada e refletida a que chegou o Dr. Langdon, professor de assiriologia em Oxford e uma das maiores autoridades em literatura cuneiforme e em tudo o que se relaciona ao distante período de civilização correspondente a esta literatura”. (Marston,p.32)

Não há como relacionar o monoteísmo hebreu com outro qualquer tenha havido na Antiguidade. Contudo, outro questionamento que se faz nesse sentido das percepções é o de atribuir ao contexto das histórias patriarcais, desenvolvidas no Gênesis, ser o de outra realidade da qual esta só poderia ter sido percebida tardiamente. Essa crítica, como no caso anterior, atribui ao período monárquico a redação dos textos, e, ao que poderemos perceber, elas tem uma origem comum, insistir que a origem dos textos bíblicos está por de trás dos interesses Estatais. A tese se apoia mais na ideia de que Moisés teria apreendido noções de relação social de seu tempo que descreveu no Gênesis , alheio as realidades que o contexto da era patriarcal exigia. Autores como Finkelstein afirmam que até mesmo o redator do êxodo jamais tenha existido, reforçando o argumento de que, o Pentateuco foi uma construção da classe dominante da monarquia. No entanto, a arqueologia recente mostra o contrário. Na região que compreendia a Antiga região da Mesopotâmia, foram encontrados numerosos códigos legais que datavam do terceiro milênio antes de cristo. Ao que se pode apreciar, numa fascinante compreensão do contexto social do Mundo Antigo, era que, em cidades que eram conhecidas por Nuzi, Eshnuna, Mari e Babilônia, se mostrava que havia uma aplicação de conceitos jurídicos que só poderiam comprovar a autenticidade de algumas práticas relatadas nas Sagradas Escrituras. No Gênesis, por exemplo, vemos que Abraão se lamenta por não ter descendente natural dizendo: Eis que não me desta

descendência e um dos meus servos de minha casa será meu herdeiro “(Gênesis15, 3). Ora, o costume de relegar os direitos de herança à um servo fora durante muito tempo questionado e atribuído como uma elaboração posterior da história do patriarca. Contudo, a prova que a arqueologia traria com esses achados nos faz entender que, Moisés, de fato, se baseou em uma tradição oral que remontava à um período bem anterior, não simplesmente adicionando à seu critério episódios ao livro do Pentateuco. Desse modo, podendo considerar que, os Textos bíblicos foram redigidos baseados em uma tradição corrente e não na falsa conjectura de fatos, nos fazendo compreender que o estudo bíblico em muito tem a contribuir com o esmiuçar das culturas pré-mosaicas. No entanto, embasados nas teorias remotas que contrariava uma percepção histórica real, pretensos estudiosos faziam os novos historiadores crerem que o profeta nada mais teria do que aplicado conceitos que já conhecia na corte egípcia. Portanto, veremos que, o ideal que tinham era de apenas desmontar a tradição judaica e não realmente compreendê-la, pois, estavam engessando o estudo histórico com as suas falsas formulações de uma pesquisa que renegava a veracidade da história.

A questão da composição dos livros sagrados envolve também, a crítica de que estes seriam apenas compilações de outros textos. Não se trata apenas da difusão das tradições mesopotâmicas sobre o Dilúvio, mas sim da essência da religião mosaica que está se discutindo. Essa outra acusação que parte contra o Pentateuco é de que ele seria resultado do plágio de várias outras histórias sobre as origens, tanto no Egito como na Mesopotâmia. Infelizmente pelas regras estipuladas pela pesquisa científica moderna, não podemos confrontar os dados que distanciam as outras culturas mais do que aproximam com a de Israel. Sem entendermos a dinâmica de como funciona a mentalidade dos sistemas produtivos das civilizações que fizeram frente a Israel, nossa pesquisa fica vazia.

#### Israel, a Origem

Como podemos perceber, a querela toda em jogar a datação da formação da cultura hebraica por primeiro milênio a.C. fica por conta de reafirmar as teses sobre a origem da Tradição do reino de Israel. Observemos que as teses marxistas de fazer prevalecer o direito das classes dominantes dentro da religião de Israel sempre foram sustentadas por autores de um longo período historiográfico. Defendendo a hipótese de que Israel resultaria simplesmente da desintegração da antiga sociedade Cananéia, vendo mais que o Êxodo seria um deslocamento das populações provenientes das planícies (Saron e Jezreel) para as montanhas, Milton Schwantes propõe um estudo baseado na concepção

de Normam Gottwald. Tal percepção fortalece apenas a ideia de que, para a formação de um Estado precisa-se haver poder. Do mesmo modo que Marx dava força para o foco da história econômico como a concentração de poder, muitos historiadores atribuem, desde os historicistas dos séculos anteriores, a formação social vinculada ao domínio das armas.

Podemos considerar que, essa visão, como a “baixa cronologia” proposta por Finkelstein, são apenas vagas hipóteses que querem fazer atribuir toda a memória do povo hebreu, adquirida em um longo período histórico, à uma curta duração temporal.

Fica nítido que, delegar o poder das armas e a aquisição de capital, somente tendem a bater de frente com os dados que comprovam que, uma sociedade se estruturou de forma diferente, como foi o caso de Israel.

Israel se estruturou em base de uma Lei puramente moral e religiosa, diferente do que se propõe nas teses que apontam para uma formação somatória de forças materiais, como foi o descreveram Finkelstein e Gottwald. E, podemos atestar isso, em base do que se pode ver através de achados arqueológicos.

Merneptah, provavelmente um faraó do Reino Médio do Egito, recebe uma estela em sua homenagem com os dizeres: “(...) Israel está destruído, a sua semente não existe mais,(...)”.

O achado está datado de 1207 a.C., época em que podemos compreender a conquista de Canaã pelos juízes. Duas importantes constatações que podemos extrair em uma análise primária de seu valor vem logo a questionar a historiografia cética. A primeira é de que: Merneptah confirma a existência histórica de Israel na Palestina antes do primeiro milênio. A segunda, nos leva a perceber que, cientes de sua realidade histórica, somos obrigados a entender que a memória de Israel é viva.

## CONCLUSÃO

A Tradição hebraica foi constituída em uma tamanha similaridade com os fatos que a História apresenta que nos é permitida dizer que, a Bíblia, pode se a ter como um importante documento histórico digno de consulta.

Como podemos entender, Abraão e Moisés eram homens de seu tempo, portanto, os hábitos que encontramos ao ler a Bíblia são autênticos testemunhos históricos da Antiguidade. Pela significância de se comprovar a formação da religião hebraica no Período do Segundo Milênio a.C. , vemos que, os Patriarcas e profetas, sendo figuras históricas, estavam voltados para questões que lhe eram contemporâneas, como a realidade do despotismo que os cercavam. Então, chegando à este resultado, concluímos que, a Bíblia pode ser sim usada como fonte de pesquisa histórica. A antiga dúvida colocada por Voltaire sobre a veracidade do passado dos Patriarcas parece que foi resolvida com os achados de argila do Ashmolen Museum de Londres.

Uma última observação: Como os profundos conhecedores do assunto notarão, reconheço que uma grande falha que se apresenta no meu trabalho é não situar a cultura hebraica como algo de singular na Antiguidade. Não posso empreender uma discursão em torno da autenticidade dos textos bíblicos sem que eu faça as devidas comparações com os textos que se apresentam similares em outras culturas. Por isso resolvi me limitar a escrever até os patriarcas para não penalizar o leitor com um texto que não conseguiria chegar até seus objetivos. Peço desculpas à todos, pois sei que isso impede do mesmo ser considerado como algo digno para a apreciação dos pesquisadores exegetas. Aliás, eram à eles que este estudo se destinava e não apenas servir de uma excessiva profusão de palavras para agradar a comunidade científica.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Felipe. Uma História que não é contada. 5ªed. – Lorena: Céofas, 2009.

BRIGHT, John. História de Israel. São Paulo, Paulus,2003.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Écolebiblique de Jérusalem. PAULUS-São Paulo,2002.

BULFINCH, Thomas. O Livro de Ouro da Mitologia. São Paulo: Martim Claret, 2006.

CAMPBELL, Joseph. As máscaras de Deus\Mitologia Primitiva.8ªed.São Paulo. Palas Athena Editora. Janeiro 1992.

CARDOSO, Ciro Flamarion S.. O Egito Antigo – Tudo é história, 36. 9º. ED. São Paulo: Brasiliense, 1992.

CONHECER ATUAL / HISTÓRIA.Composto pela Editora Nova Cultural Ltda. São Paulo, 1988,Círculo do Livro

DRAPER, Robert: Reis da polêmica. National Geografic Brasil. São Paulo. P. 60-85, Dezembro 2010.

ELIAS, Norbet: O Processo Civilizador, Volume 2: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Zahar1993.

FARIA Jacir de Freitas. História de Israel e as perspectivas mais recentes. Petróples, Editora Vozes, 2003.

FREUD, Sigmund. Moisés e o Monoteísmo. Rio de Janeiro, RJ: Imago Ed., 1997.

GAY, Peter, O século de Schnitzler: a formação da cultura da classe média: 1815-1914.Sã Paulo: Companhia Das Letras,2002.

NIETZSCHE, Frederic. Assim Falou Zaratustra. Alleund Keinem. Editorial Presença, 1974, L.d.a – Av.João XXI, 56-1. ° Lisboa.

MOMIGLIANO, Arnaldo. As raízes clássicas da historiografia moderna, São Paulo: Editora do Sagrado Coração, 2004.

MARSTON, Charles. A Bíblia Disse a Verdade/ Coleção Descoberta do Mundo. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia, 1958.

ROUSSEAU, Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens. São Paulo: Martin Claret Ltda,2004.

SILVA, Márcio Bolda da. Metafísica e assombro: curso de ontologia. – São Paulo: Paulus, 1994.

SMITH, Mark S. O memorial de Deus/ História, memória e a experiência do divino no Antigo Israel. PAULUS, São Paulo 2006.

TULLEKEN Editor, A Era dos reis divinos,3000-1500 a .C. Time-Life Books. Rio de Janeiro: Abril Livros Ltda.,1991.

A CRIAÇÃO E O DILÚVIO: Segundo os textos do Oriente Médio Antigo /vários autores; Tradução M. Cecília Duprat. – São Paulo: Paulus,1990.– (Documentos do Mundo da Bíblia;v.7)

ATLAS da História do Mundo, Times Books L.T.D.A. Folha Da Manhã, São Paulo,SP,1995.

#### INTERNET

Costa, Hermistein Maia Pereira da, A Religião entre os gregos e o Ateísmo Prático à luz do Salmo 14. [www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/Fides.../16artigo5.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/Fides.../16artigo5.pdf). - Acesso em 13/07/2012 12h30min

O Êxodo Uma Nova Hipótese do trajeto dos Hebreus. Museu de Topografia Prof.Laureano Ibrahim Chaffe,Departamento de Geodésia-UFRGS.Janeiro/2009. [WWW.ufrgs.br/museudetopografia/Artigos/O\\_Exodo.pdf](http://WWW.ufrgs.br/museudetopografia/Artigos/O_Exodo.pdf). Acesso em 28/05/2012 00:21

BERLESI, Josué. O êxodo dos hebreus segundo historiadores e arqueólogos: ênfase na perspectiva minimalista a partir da obra e Finkelstein e Silberman. Revista Eletrônica História em Reflexão – Vol.02, n. 03 – UFGD – Dourados – Jan – Jun/2008.

FERREIRA, Cláudia Andréa Prata. O pacto da memória: interpretação e identidade nas Fontes Bíblica. Rio de Janeiro: UFRJ, faculdade de Letras, 2002. [www.revistamirabilia.com/nova/imagens/numeros/2003\\_03/art4.pdf](http://www.revistamirabilia.com/nova/imagens/numeros/2003_03/art4.pdf) - 3. Acesso em 08/07/2010 13:34

FABER, Marcos. A História do dilúvio: Dilúvio Universal ou Local?Disponívelem:[HTTP://www.historialivre.com/univerzo/diluvio.htm](http://www.historialivre.com/univerzo/diluvio.htm)Acesso em:06 de junho de 2003.

Arqueologia bíblica: [WWW.criacionismo.com.br](http://WWW.criacionismo.com.br). Acesso em 25/04/2012 14:57

Ibidem: Acesso em: 18/05/2012

Ibidem: Acesso em: 31/05/2012 14h04min

Cartas de Amarna. [pt.wikipedia.org/wiki/Cartas\\_de\\_Amarna](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cartas_de_Amarna). Acesso em: 01/06/2012 15:32

Drusos: [pt.wikipedia.org/wiki/Drusos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Drusos) . Acesso em: 01/06/2012 15h19min

Ebla. [en.wikipedia.org/Ebla](http://en.wikipedia.org/Ebla) - Acesso em 18/05/2012 15:15

[pt.wikipedia.org/wiki/Gênio](http://pt.wikipedia.org/wiki/Gênio) - . Acesso em 29/05/2012 15h29min